

EM QUE CENÁRIO OCORRERIA UMA MOBILIZAÇÃO NA RÚSSIA E COMO A UE REAGIRIA?

Por Andrew Korybko*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Uma eventual mobilização russa para explorar avanços na Ucrânia poderia ser apresentada pela OTAN europeia como uma ameaça de invasão, alimentando o medo, a centralização da UE e o risco de uma escalada militar.

O [The Telegraph](#) afirmou recentemente que Putin está preparando uma “mobilização sigilosa”, na qual estariam sendo feitos preparativos administrativos para o caso de ele decidir declarar uma mobilização. A essência desses rumores não é nova, e Putin respondeu a eles no início de setembro, afirmando: “Não existe, hoje, nenhum cenário que exija uma mobilização. Trata-se de um ataque informativo por parte do inimigo, às vésperas das eleições para a Duma Estatal, numa tentativa de influenciar os resultados.”

Ambas as partes de sua declaração são verdadeiras, mas não se pode descartar a possibilidade de que as circunstâncias mudem; nesse caso, vale a pena analisar o cenário em que uma mobilização poderia ocorrer e como a UE poderia reagir. A “[campanha de ataques russos contra a rede ferroviária ameaça paralisar a logística militar da Ucrânia](#)”, caso seja realizada de forma sistemática, do momento atual até o próximo inverno, e combinada com ataques igualmente sistemáticos a postos de abastecimento, portos, usinas de energia e outras infraestruturas.

Se os planejadores militares russos passarem a acreditar que isso pode levar ao tão esperado rompimento das linhas de frente, poderão aconselhar Putin a, pelo menos, repetir o que fez quatro anos atrás: declarar a [mobilização parcial de reservistas experientes](#) para aproveitar tal avanço. O objetivo seria aplicar mais força militar neste momento estrategicamente vantajoso para coagir a Ucrânia a atender a todas as exigências da Rússia, ou, pelo menos, ao maior número possível delas, visando encerrar o conflito com uma vitória russa.

Esse é um cenário plausível no qual poderia ser declarada, no mínimo, uma mobilização parcial, uma possibilidade para a qual a OTAN europeia (E-OTAN) já estaria, ao que tudo indica, se preparando antecipadamente; daí o [recente alarmismo histérico](#) sobre um iminente ataque russo contra vários membros do bloco. À luz da dinâmica militar-estratégica do conflito, que muda rapidamente devido à já mencionada campanha de ataques sistemáticos da Rússia, essa narrativa pode, em retrospecto, ser interpretada como uma forma de condicionamento prévio. O objetivo é manipular o cidadão comum para que perceba qualquer mobilização parcial como preparação para uma invasão russa dos Estados Bálticos e/ou da Polônia, algo em que Putin declarou não ter interesse e que, de qualquer forma, não faria sentido estratégico, dado o risco de uma Terceira Guerra Mundial para ocupar populações hostis. No entanto, esse condicionamento prévio poderia ser acompanhado de uma operação de [“bandeira falsa” \(na Polônia?\)](#), seja para justificar uma [escalada perigosa](#) da E-OTAN contra a Rússia, seja para [acelerar a centralização político-militar da UE](#).

As elites liberais governantes da E-OTAN enfrentam desafios sem precedentes por parte de oposições conservadoras, em meio ao declínio econômico provocado pela disparada dos preços dos combustíveis, consequência das sanções antirrussas e das perturbações no mercado global de energia causadas pela Terceira Guerra do Golfo. Assim, essas elites têm interesse em disseminar o máximo de medo em relação à Rússia, visando, no mínimo, mobilizar eleitores em torno de si, ao mesmo tempo em que promovem a centralização da UE e, no cenário mais extremo, caso a estratégia anterior falhe, arriscam uma escalada perigosa contra a Rússia.

Em suma, uma mobilização provavelmente só seria decretada para aproveitar um avanço decisivo na linha de frente; contudo, espera-se que a E-OTAN apresente tal movimento como um ataque russo iminente, a fim de promover os objetivos de suas elites. Uma operação de “bandeira falsa” poderia até ser realizada para tornar essa narrativa mais verossímil. Antes que a E-OTAN promova uma escalada perigosa contra a Rússia sob esse pretexto, porém, deveria recordar as palavras de Lavrov de que qualquer guerra entre as partes [“seria muito curta”](#), uma alusão ao uso de armas nucleares pela Rússia contra a E-OTAN em legítima defesa.

**Andrew Korybko é analista político americano radicado em Moscou, com doutorado pelo MGIMO, e especialista na transição sistêmica global para a multipolaridade. Ele acompanha de perto a relação entre a grande estratégia dos EUA na Afro-Eurásia, a Iniciativa Cinturão e Rota da China, os atos complementares de equilíbrio geoestratégico da Rússia e da Índia e a Guerra Híbrida. A guerra por procuração da OTAN contra a Rússia via Ucrânia e suas consequências globais têm sido seu foco, mas ele também cobre assuntos africanos e do sul da Ásia. De tempos em tempos, também analisa assuntos internos dos EUA, da Europa e da América Latina.*
